

**PRODUTIVISMO E RECONHECIMENTO NA ACADEMIA: MOEDA DE FACE ÚNICA – CONSENTIR, RESISTIR E SILENCIAR.**

Profº Drº Mauro Machado Vieira  
Universidade Federal de Uberlândia  
mauro.vieira@ufu.br

Haroche (2005) discute os processos psicológicos e sociais de humilhação.

Nas formas de alienação contemporânea, gostaria de sublinhar uma dimensão específica e inédita que se refere à visibilidade – visibilidade de si: um tipo de visibilidade que ignorando as fronteiras do íntimo, do privado e do público, tende a instrumentalizar e reificar o indivíduo pela exibição contínua e exaustiva de si mesmo, encorajando e reforçando o voyeurismo, o exibicionismo, a perda do privado, do íntimo e da interioridade, desenvolvendo no indivíduo o automático e o mecânico. Reforçada pelas tecnologias contemporâneas, esta alienação força o indivíduo a representar não um pedaço de si, mas a desnudar-se, um desvelamento contínuo de si mesmo, a mostrar-se para ser valorizado e, além disso fundamentalmente, para existir. (HAROCHE, 2005, p. 35)<sup>1</sup>.

A regra do exibicionismo de si, a relação do ter para ser, institui uma hierarquia levando o sujeito que não consentiu as novas regras de produção científica ao sentimento de humilhação entre os próprios pares. Independentemente do estranhamento entre o que se aprendeu sobre a responsabilidade com a pesquisa e o fato da necessidade de seguir as regras metodológicas para errar menos e verificar os acertos foram atropelados por um tempo inexecutável do respeito a temporalidade necessária para uma pesquisa pautada em qualidade e não quantidade.

A armadilha que foi estruturada a partir do momento que se assumiu a ciência enquanto produto vendável e de importante negociação internacional, não permite mais ao corpo docente acadêmico a se isolar dos processos das formas de produção instituídas na academia. Ao mesmo tempo que temos os que consentem com a ideologia produtivista e se alimente dela como reconhecimento de si; os que de forma consciente defende uma universidade pautada no artesanato do construir e intervir cientificamente na sociedade apropriando de tempos diferentes, ou seja, respeitar o amadurecimento natural do conhecimento; e os que se silenciam, como se não fizesse parte desse processo de mudança pragmática da economia gerencial neoliberal –

---

<sup>1</sup> HAROCHE, Claudine. Processos psicológicos e sociais de humilhação: o empobrecimento do espaço interior do individualismo contemporâneo. In: MARSON, Izabel; NAXARA, Márcia (Orgs). Sobre a humilhação: sentimentos, gestos e palavras. Uberlândia/MG: EDUFU, 2005.

produzir, produzir e produzir mais com menos custos econômicos para o Estado – uma universidade que deve se retroalimentar financeiramente.

Os três grupos até se dividirem, mas, se encontram no mesmo espaço institucional de trabalho, e, as regras criadas com a participação direta ou indireta do corpo docente acadêmico são institucionalizadas para todos, por mais que sempre alguns possam ser agraciados de forma diferente. Em síntese, a divisão não faz mais do que fragilizar os grupos, e, instituir as regras aprovadas pelo legislativo e vigiadas pelo executivo, com a participação direta da administração superior e das outras instâncias de gestão da universidade – o momento da divisão das verbas é determinante para reafirmação dos conflitos iniciais e a adequação pouco tempo depois.

**O abandono da crença na solidariedade de classe nos tempos modernos,** em favor de novos tipos de imagens coletivas, baseadas na etnicidade, ou no quartier, ou na região, é um sinal desse estreitamento do laço fraterno. A fraternidade se tornou empatia para um grupo selecionado de pessoas, aliada à rejeição daqueles que não estão dentro do círculo local. Essa rejeição cria exigências por autonomia em relação ao mundo exterior, por ser deixado em paz por ele, mais do que exigências para que o próprio mundo se transforme. No entanto, quanto mais intimidade, menor é a sociabilidade. Pois este processo de fraternidade por exclusão dos ‘intrusos’ nunca acaba, uma vez que a imagem coletiva desse ‘nós mesmos’ nunca se solidifica. **A fragmentação, a divisão interna, é a própria lógica dessa fraternidade, uma vez que as unidades de pessoas que realmente pertencem a ela vão se tornando cada vez menores. É uma versão da fraternidade que leva ao faticídio.** (SENNETT, 1988, p. 325, grifo meu)<sup>2</sup>.

A auto exclusão dos grupos – consentidos, resistentes e os silenciados – como se fossem realmente estranhos e não apenas executores de uma divisão dentro do mesmo espaço, a universidade, fragilizam a força coletiva política do corpo docente frente aos dispositivos de poder da concepção de Estado gerencialista.

Ao promover a fusão da ciência, da indústria e do Estado (programas de governo), a big science, e junto com ela a taylorização, dará vazão às forças cegas que atuam na economia, instalando a concorrência nos meios acadêmicos e levando à concentração do mercado. (DOMINGUES, 2014, p. 237)<sup>3</sup>.

Esta pressão gerencialista faz com que as vozes soem apenas como ecos no grupo acadêmico – a não possibilidade de diálogo coletivo. Se institui um pensar e executar na Universidade. É como pensar no inexistente – até o presente momento – a

---

<sup>2</sup> SENNETT, Richard. O declínio do home público: as tiranias da intimidade. Tradução: Lygia Araujo Watanabe. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

<sup>3</sup> DOMINGUES, Ivan. O sistema de comunicação da ciência e do taylorismo acadêmico: questionamentos e alternativas. *Estudos avançados*, v. 28, n. 81, p. 225–250, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v28n82/14.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2016.

contratação, de servidores para a Carreira docente do Magistério do Ensino Superior Público, na qual o docente com dedicação exclusiva tivesse entre eles diferentes papéis a serem cumpridos.

Na política gerencialista vigente, a essência do taylorismo – pensar e executar - começa a ecoar na prática cotidiana acadêmica. Uma suposta divisão, os docentes que devem ser pesquisadores e os docentes que devem atuar no administrativo, ensino e gestão. Mas independente da suposta divisão, ambos devem cumprir todos os papéis e em particular, produzir cientificamente, confeccionar diplomas em série da graduação, pós-graduação *lato sensu, stricto sensu* e ainda angariar recursos para o desenvolvimento dos projetos científicos – que devem gerar o material para publicação.

A produção em série é impossível de ser praticada na perspectiva de artesanato intelectual como proposto por Charles Wright Mills (2009)<sup>4</sup>; segundo, o corpo docente na sua ‘totalidade’ deve pesquisar e publicar sem ‘direito’ ao amadurecimento natural da aquisição e elaboração dos conhecimentos – não existe tempo - e terceiro, a competição instituída entre os pares na ‘seleção natural’ dos professores que vão publicar nos periódicos classificados como de maior impacto científico pelo sistema *Quallis*, nas avaliações classificatórias das agências de fomento, a pressão pela pontuação dos programas de pós-graduação e as punições – atingiu a pontuação exigida continua no programa, não atingiu é convidado a se descredenciar.

Aproprio, no texto seguinte, de uma longa reflexão de Ivan Domingues (DOMINGUES, 2014, *passim*)<sup>5</sup>, sintetizando o taylorismo e suas consequências na academia.

No Brasil, embora o taylorismo seja real e já cause seus conhecidos estragos, ele nem mesmo aparece como problema para a maioria dos colegas, tão legitimado ele está nos meios acadêmicos, deixando todo mundo feliz justamente porque vivos e ‘produtivos’, como se fosse a coisa mais importante do mundo lançar uma linha a mais no Lattes (p. 226).

De um só golpe, o ideal de abertura, de discussão ampla e compartilhamento dos resultados não tem mais vez e desaparece. Em seu lugar fica a competição cega e o carreirismo, a que se soma o enclausuramento da base de dados, dos processos e dos produtos do conhecimento, além do elevado custo das revistas científicas mundiais e sua concentração nas mãos de poucos editores [...]. (p. 233)

---

<sup>4</sup> MILLS, C. W. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

<sup>5</sup> DOMINGUES, Ivan. O sistema de comunicação da ciência e do taylorismo acadêmico: questionamentos e alternativas. *Estudos avançados*, v. 28, n. 81, p. 225 – 250, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v28n82/14.pdf>. Acesso em 23 set. 2016.

[...] **as críticas dirigidas ao ‘publique ou pereça’, e mais sérias porque elas atingem o coração do sistema ou a sua alma**, ao dar vazão à pressão por mais publicações. Tal *animus*, além de motor do sistema taylorista, fornecendo-lhe a preciosa seiva sem a qual ele não pode viver, acarretará graves distorções, como já antecipamos: **(1) instala a competição cega** e conduz ao enlouquecimento do sistema, sistema que, até mesmo evolucionariamente, não pode funcionar sem alguma base cooperativa, e a qual fica reduzida a quase nada e tem uma atuação combalida. **(2) dissemina as fraudes e os plágios**, nas suas mais variadas formas, e induz à precipitação, à corrida para chegar primeiro. **(3) incita o tempo acelerado que se estende ao infinito e não combina com o tempo humano** e os altos e baixos da criação, podendo uma obra de talento ou de gênio passar despercebida, demorar décadas até ser descoberta, e não ser capturada pelos índices de impacto. (p. 244, grifo meu).

Independentemente se o docente assumiu ou não a condição de consentimento - serem reconhecidos socialmente na produtividade científica, são obrigados a abrir mão da liberdade de pensar e fazer naturalmente o trabalho acadêmico, a pesquisa. Eles aderiram a ideologia do não ‘ser’ pesquisador e sim ‘ter’ uma quantidade de trabalhos significativos publicados nos meios de comunicação científica. Mas de forma direta se tornam os contribuidores da efetivação do taylorismo na academia.

A grande questão que fica latente; será que não foi mais um grupo de profissionais que caíram na cama de gato do sistema de produção capitalista? Este sistema que necessita cada vez mais de se retroalimentar, ou seja, o alimento continua sendo as artimanhas de exploração do trabalhador a principal forma de atingir o lucro – em sua (in)finitude.

A taylorização não fica apenas entre os pesquisadores, ela se reproduz na prática do pesquisador até os discentes selecionados para atuar como membros diretos/indiretos das pesquisas em desenvolvimento – os futuros pesquisadores já devem sair ‘adestrados’ nas formas de produção científica da política acadêmica atual.

[...] independentemente da ótica sob a qual se analise o fenômeno, o que se constata é um mesmo panorama desolador, decorrente principalmente da **crecente pressão para que os professores de pós-graduação (e seus orientandos) publiquem**, já que a produção científica (leia-se a publicação de artigos) dos docentes e discentes é o item com o maior peso nas decisões sobre a avaliação dos programas e sobre a distribuição das oportunidades e dos recursos financeiros para o custeio de bolsas, auxílios e outros tipos de apoio. (REGO, 2014, p. 330, grifo meu)<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> REGO, Tereza Cistina. Produtivismo, pesquisa e comunicação científica: entre o veneno e o remédio. Educação Pesquisa, São Paulo, v. 40, n. 2, abr/jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v40n2/v40n2a03.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2016.

Ambos – docentes e discentes - são incentivados a assumir o papel de pesquisador, consentindo com as regras da pesquisa estabelecidas pelos meios de fomentos e o status de modelo de saber reproduzido na academia ultimamente, o conhecimento enquanto produto vendável.

[...] o capital produzido pelo produtivismo cria outra forma de fetichização, a saber a egofetichização, que é expressa na elevação do reconhecimento intersubjetivo pelos ‘pares’, das possibilidades de empregabilidade e avanços na carreira, com como da financiabilidade (poder de captar recursos, ganhar editais) e publicabilidade (chances de ter um artigo aprovado. Quanto ao último efeito, parece que é formado um círculo virtuoso ou vicioso expresso na seguinte equação: mais e ‘melhores’ publicações = ‘bom’ currículo = mais chances de publicar. Certas solicitações dos periódicos sugerem essa lógica. Ao que parece, o currículo pode contar mais do que a força de ideias. (VILAÇA; PALMA, 2013, p. 469<sup>7</sup>).

À medida que o professor ‘assume’ a condição de consentimento das regras produtivista, implantadas pelas agências de fomento, Fapemig, CNPq, ‘assumi’ como dele a necessidade de produzir mais, independentemente da qualidade. A cama de gato que o corpo docente universitário faz parte, o assumir é relativo, ele assume, mas não pode dizer abertamente prefiro não. Esta ação silencia-os frente a competição instituída entre pares, e automaticamente são ‘obrigados’ a concordar com o aumento da exigência cada vez maior quanto a quantidade da produção científica. Ao aceitar concorrer para publicação dos seus trabalhos nos periódicos classificados pela CAPES determinantes nas avaliações dos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado, Doutorado e Mestrado Profissional.

Esta agência, fundada nos anos 1950 com o objetivo de capacitação do pessoal do ensino superior, após se constituir, por décadas, em um órgão do Estado para financiamento e avaliação da pós-graduação, acentuou, a partir de 1997, sua função reguladora com o objetivo de organizar e reorganizar não somente os programas, mediante seu modelo de avaliação, mas todo o sistema, tornando-se, assim, uma efetiva ‘agência reguladora da pós-graduação brasileira’. (SILVA JÚNIOR; FERREIRA; KATO, 2013, p. 442)<sup>8</sup>.

A força avaliativa do produtivismo concentrada no Sistema de Avaliação Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Predomina o verbo produzir evidenciado constantemente na fala dos depoentes – autores dos artigos

<sup>7</sup> VILAÇA, Murilo Mariano; PALMA, Alexandre. Diálogo sobre cientometria, mal-estar na academia e a polêmica do produtivismo. *Revista Brasileira de Educação*. v. 18, n. 53, abr-jun. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v18n53/13.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2015.

<sup>8</sup> SILVA JÚNIOR, João dos Reis; FERREIRA, Luciana Rodrigues; KATO, Fabíola Bouth Grello. Trabalho do professor pesquisador diante da expansão da pós-graduação no Brasil pós-LDB. *Revista Brasileira de Educação*. v. 18, n. 53, abr/jun. 2013. Disponível em: <[http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/31810851/Texto\\_RBE.pdf](http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/31810851/Texto_RBE.pdf)>. Acesso em: 26 set. 2016.

analisados. Pode se dizer que a produtividade da uma forma diferenciada ao corpo docente, a disciplinarização instituída pelos detalhes (FOUCAULT, 1987) de cada movimento do pesquisador, desde: a linha pesquisa que o grupo selecionou; os locais pontuais que os conhecimentos devem ser publicizados; o papel de cobrador que o orientador deve desenvolver com seus orientandos; os modelos de eventos de troca de conhecimentos – é local? Regional? Nacional? Internacional?; o espaço que o pesquisador ocupa, apresenta resumo? Texto completo? Sentou na mesa de debates? Fez a abertura do evento? Os orientandos tem publicado os conhecimentos adquiridos durante o processo de formação? Os resultados das pesquisas desenvolvidas tem sido consultadas e citadas em outras produções científicas?; os projetos desenvolvidos tem financiamentos?, se não tiver a pontuação é menos valorizada; qual o tempo de formação do pesquisador? Há quanto tempo faz parte do programa?; participação em bancas de qualificação e defesas – mestrado e doutorado; bolsa de iniciação científica com discentes; orientações de trabalho de conclusão de curso e, possui bolsa produtividade?

Esses pontos são detalhes, mas se o participante do programa não atingir a meta mínima, será convidado pelo coordenador do programa a se retirar. A meta de produção do docente dos Programas de Pós não é única para todas as áreas. Exemplo na área de História o Qualis vai de A1 até B5, já em Educação de A1 até B2. Esta meta de produção pode ser considerada pelo programa na sua totalidade e dividida em porcentagem pelo número de docentes vinculados ao Programa.

[...] as notas atribuídas aos programas [pós-graduação] instituem uma concorrência pelos recursos financeiros, instaurando verdadeira competição entre os pesquisadores de uma mesma área e acirrando a pressão sobre eles, seus orientando no doutorado, no mestrado e na iniciação científica (afetando aí os alunos da graduação que, eventualmente, pretendem seguir a carreira acadêmica) e sobre a própria coordenação, além de propiciarem **uma verdadeira ‘caça às bruxas’**, internamente aos programas. (SILVA JÚNIOR, 2010, p. 15, grifo meu)<sup>9</sup>.

Existe ainda um limiar<sup>10</sup> quase intransponível aos programas, cumprir os critérios necessários para atingir aos conceitos seis e sete.

As notas ‘6’ e ‘7’ são reservadas exclusivamente para os programas de Doutorado classificados como nota ‘5’ na primeira etapa de realização da

---

<sup>9</sup> SILVA JÚNIOR, João dos Reis; SGUISSARD, Valdemar; SILVA, Eduardo Pinto e. Trabalho intensificado na universidade pública brasileira. *Revista Universidade e Sociedade*. Distrito Federal, ano XIX, n. 45, jan. 2010.

<sup>10</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Limiar, aura e rememoração*: ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014.

avaliação trienal [Art. 1º A avaliação do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) passará a ser realizado abrangendo o período avaliativo de quatro anos] e que atendam obrigatoriamente a duas condições: 1) apresentem desempenho equivalente ao dos centros internacionais e excelência; 2) tenham nível de desempenho altamente diferenciado em relação aos demais programas de área. **A atribuição da nota ‘6’ para um PPG História levava em conta os seguintes itens:** ter o corpo docente altamente qualificado; ter inserção internacional indicada por convênios e intercâmbios, com presença de professores visitantes do exterior e participação do corpo docente em colóquios, programas acadêmicos, estágios em instituições do país e exterior; apresentem produção intelectual docente com qualidade equivalente à de programas de destaque internacional sediados no exterior, com distribuição equilibrada entre os docentes; mostrar evidências de competitividade em nível internacional, exercer papel de liderança na área, sobretudo na formação de docentes universitários e na renovação historiográfica, bem como demonstrar desempenho diferenciado quanto à produção científica, oferecendo cursos de mestrado e doutorado. **Um programa de nota ‘7’ evidenciou os seguintes itens:** ter corpo docente altamente qualificado, com significativa inserção internacional indicada pela produção docente de excelência para os padrões nacionais e internacionais, incluindo trabalhos publicados em periódicos, livros ou coletâneas estrangeiros; manter regulares e importantes intercâmbios, convênios, programas de cooperação acadêmica e científica com estágios de docência e pesquisa em instituições do exterior, em dupla via com pesquisadores e docentes do exterior atuando no programa; participações e publicações em eventos de relevância e exercícios de funções editoriais em nível internacional e nacional; apresentar produção docente com qualidade equivalente à de programas de destaque internacional sediados no exterior, observada a distribuição equilibrada entre os docentes; exercer papel de liderança na área, sobretudo na formação de docentes universitários e na renovação da produção historiográfica; com cursos de mestrado e doutorado bem consolidados demonstrar competitividade em nível nacional com desempenho diferenciado quanto à produção científica, incluindo a dos discentes. **Um programa de nível ‘7’ é compatível com programas de nível de excelência em outros países, considerados referenciais para os campos de pesquisa historiográficos.** (BRASIL, 2010, p. 11-12)<sup>11</sup>.

A divisora – Capes e CNPq – age como em ‘O Grande Julgamento’:

<sup>31</sup> Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono de sua glória: <sup>32</sup> e todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas; <sup>33</sup> e porá as ovelhas a sua direita, mas os cabritos à esquerda; <sup>34</sup> então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. (Mt 25, 31-44. BÍBLIA, 2011, p. 1288)<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Relatório de Avaliação 2007-2009. Trienal 2010: Área de avaliação História. Coordenador de área: Raquel Gleuzer. Coordenador-Adjunto de área: Luiz Carlos Soares. Disponível em: <<http://trienal.capes.gov.br/wp-content/uploads/2010/12/HIST%C3%93RIA-RELAT%C3%93RIO-DE-AVALIA%C3%87%C3%83O-FINAL-dez10.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

<sup>12</sup> BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Evangelho segundo São Mateus: Jesus, o Mestre da justiça. (Mt 25, 31-44). 2 ed. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

<sup>41</sup> Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. (Mt 25, 41. BÍBLIA, 2011, p. 1289)<sup>43</sup>.

A sacralização da avaliação Capes dos PPG separam as ovelhas que foram cativadas e caracterizadas como próximas do ideal do mundo da pesquisa, dos cabritos tentados a chegarem próximo às ovelhas. O corpo docente esquadrihado e esquadrihador após atingir as metas estabelecidas tanto pelo CNPq e a Capes, conduz o processo avaliativo desde a construção dos critérios até a aplicação deles no momento do ‘juízo final’.

Vejo as pessoas desesperadas porque perderam 7 ou ganharam 7 da Capes. Não significa nada. ‘Quero ser 7 porque Porto Alegre é 7’. ‘A gente incorporou a competição pelas organizações, pela eficácia’, destacou Marilena. Mais tarde, acrescentou: ‘Fuvest e Lattes são a prova da estupidez brasileira’. (CHAUÍ, 2015)<sup>44</sup>.

Os avaliadores das áreas instituídos pela Capes e pelas regras de área, estabelecem a competição entre os pares de profissão – docente do Ensino Superior – e participantes de cada programa de pós-graduação, com e entre as suas linhas de pesquisa. Os processos avaliativos intensificam o trabalho docente como os levam a consentirem por um caminho sem volta, reforçando a institucionalização do que é produzir cientificamente com ‘qualidade’, produzir mais em menos tempo.

**Em lugar de avaliar o programa, suas dificuldades, potencialidades e relevância para a instituição e para a região,** o resultado da avaliação depende de uma planilha de indicadores cujo foco incide diretamente sobre cada professor credenciado na pós-graduação: inicialmente, exigindo um padrão produtivista, depois, restringindo o campo possível desse produtivismo, impondo que as publicações sejam limitadas a um conjunto de periódicos qualificados e que a produção do conhecimento gere produtos úteis. (MANCEBO, 2010, p. 84, grifo meu)<sup>45</sup>.

Os servidores classificados pela instituição avaliadora dos PPG assumem o papel de ‘feitor’, que não consideram conceitos diferenciados para os programas com menor tempo de criação. Assim aplicam critérios de comparação dos programas na perspectiva nacional e internacional, automaticamente, desconsidera os novos professores, as peculiaridades de cada região, o tempo de formação e exercício no

---

<sup>13</sup> BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Evangelho segundo São Mateus: Jesus, o Mestre da justiça. (Mt 25, 31-44). 2 ed. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

<sup>14</sup> CHAUÍ, Marilena. É um crime o currículo *Lattes*. In: SINDUECE- Seção Sindical do ANDES-SN dos docentes da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Notícias - Mais notícias. Disponível em: <<http://sinduece.org.br/noticias/mais-noticias/e-um-crime-o-curriculo-lattes-diz-marilena-chau/>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

<sup>15</sup> MANCEBO, Deise. Ensinar no ensino superior brasileiro: a mercantilização das relações e heteronomia acadêmica. Rev. Port. de Educação, Braga/Portugal, v. 23, n. 2, de 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php>>. Acesso em: 01 ago. 2015.

campo da pesquisa, o tempo de consolidação do programa, a falta de um acompanhamento particular aos programas mais recentes – principalmente com verbas direcionadas e diálogos entre os programas novos e os consolidados.

Os avaliadores dos comitês de assessoramento das agências de fomento são recrutados geralmente entre os doutores com mais de cinco anos de trabalho em pós-graduação e com produção bibliográfica crescente. Não são nem juniores nem seniores: estão em ascensão ou no auge da carreira. Costumam ser competitivos e, às vezes, ‘mais realistas que o rei’, isto é, tendem a aplicar com rigor as exigências das agências. (LUZ, 2005, p. 52)<sup>16</sup>.

Para conhecer os avaliadores da Capes do Relatório Trienal 2007/2009 e do 2010/2012 basta visitar o Panóptico de Benthon – Plataforma *Lattes* – na qual está disponível a história formativa e produtiva do corpo docente das universidades, pesquisadores de instituições específicas em pesquisa como o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), etc. O aperfeiçoamento da tecnologia virtual, o *lattes* assume a forma de vigiar e categorizar os inscritos no seu sítio. É a partir da quantidade de experiência registrada que as seleções são feitas e as metas a serem atingidas pelos novos pesquisadores que nela se inscrevem, são instituídas.

[...] ‘cultura do desempenho’, sob a qual o trabalho docente é permanentemente pontuado, traduzido em números e intensificado através de diversos e complexos sistemas de avaliação ditos institucionais que, ano a ano, alargam as exigências de produção acadêmica [PROVÃO, SINAES, QUALIS/CAPE]. Enfim a produção docente é mensurada, tipificada e classificada por critérios quantitativos, cada vez mais refinados, abrangentes e exigentes! (MANCEBO, 2010, p. 83-4)<sup>17</sup>.

É necessário o participante na avaliação da área dos PPGs considerar as suas experiências enquanto iniciante no ‘mundo da pesquisa’, inclusive o período, pois talvez no seu tempo as verbas eram maiores e os sistemas avaliativos não fossem tão perversos cobrando a quantidade e não a qualidade da pesquisa. As condições de trabalho do pesquisador nesse final de século XX e início do XXI -1990/2013 é diferenciado.

A CAPES vai deixar de ser uma agência de apoio aos Programas de Pós-Graduação, aos pesquisadores e sim uma agência de controle. Não terá como objetivo a formação de profissionais qualificados na pesquisa para aperfeiçoar no desenvolvimento

---

<sup>16</sup> LUZ, Madel T. Prometeu Acorrentado: análise sociológica da categoria produtividade. *PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, pp. 39-57, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v15n1/v15n1a03.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2016.

<sup>17</sup> MANCEBO, Deise. Ensinar no ensino superior brasileiro: a mercantilização das relações e heteronomia acadêmica. *Rev. Port. de Educação*, Braga/Portugal, v. 23, n. 2, de 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php>>. Acesso em: 01 ago. 2015.

do país, e sim formar pesquisadores que possam produzir o conhecimento negociável, a mercadoria no mercado nacional e internacional.

As políticas avaliadoras continuam desconsiderando os testemunhos. A única alteração no processo avaliativo foi passar de trienal para quadrienal, as regras principais avaliativas se mantiveram.

A avaliação da Capes [...]. Em lugar de avaliar o programa de pós-graduação, suas dificuldades, potencialidades e relevância para a instituição e para região, o resultado da avaliação depende de indicadores que tem como foco cada professor credenciado na pós-graduação: inicialmente, exigindo um padrão produtivista; depois restringindo o campo possível deste produtivismo, impondo que as publicações, para serem pontuadas, sejam limitadas a veículos/periódicos qualificados (sistema qualis), indexadas ao Scielo e outras bases de dados reconhecidas internacionalmente e que a produção do conhecimento gere produtos úteis, utilidade essa que os conselhos do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), também composto por representantes das empresas, aferirão conforme a eficácia das pesquisas para o mercado. (PAULA, 2012, p. 57)<sup>18</sup>.

As novas formas e conteúdos do trabalho do professor acentuam-se nas universidades federais a cada ano ou triênio na avaliações da CAPES, e há um aprofundamento das novas possibilidades de produção de pesquisas financiadas, via parcerias com o setor público e privado e com agências de fomento de diversas ordens, auxiliado pelo trabalho das fundações de apoio institucionais. Neste processo, as relações de produção permeiam o trabalho do professor e o alienam de seu trabalho, por produto dele e, portanto, de si mesmo. (SILVA JÚNIOR, 2013, p. 445)<sup>19</sup>.

Os processos avaliativos aplicados na universidade, em momento algum estabelecem uma relação diagnóstico e intervenções para contribuir para um desempenho qualitativo, apenas mede e decide sobre os itens que necessitam de pressão para atenderem as metas das políticas gerenciais.

A avaliação deixa de ser um meio para tornar-se um fim em si – o indicador torna-se o objetivo central da organização. Um bom exemplo disso é o projeto de reforma de certas instituições cujo fim declarado pode ser, por exemplo, melhorar o desempenho de uma organização segundo indicadores internacionais – como sucede, em parte, com a classificação de Xangai e a reforma em curso das universidades na França. (MARTUCCELLI, 2015, p. 49)<sup>20</sup>.

No Brasil, o modelo de reforma é influenciado pela política de Ensino Superior dos Estados Unidos da América, um dos grandes precursores da política

---

<sup>18</sup> PAULA, Maria de Fátima Costa de. Políticas de avaliação da educação superior e trabalho docente: a autonomia universitária em questão. *Revista Universidade e Sociedade*. Brasília/DF, ano XXI, n. 49, jan. 2012.

<sup>19</sup> SILVA JÚNIOR, João dos Reis; FERREIRA, Luciana Rodrigues; KATO, Fabíola Bouth Grello. Trabalho do professor pesquisador diante da expansão da pós-graduação no Brasil pós-LDB. *Revista Brasileira de Educação*. v. 18, n. 53, abr-jun. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782013000200011&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782013000200011&script=sci_arttext)>. Acesso em: 13 nov. 2015.

<sup>20</sup> MARTUCCELLI, Danilo. Crítica da Filosofia da Avaliação. In: BALANDIER, Georges (Org.). *O que avaliar quer dizer?* Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora FAP-Unifesp, 2015.

neoliberal que estabelece entre as suas exigências de manutenção a aplicação efetiva das políticas gerencias que se tornaram o ponto frágil para o fazer docente. É a ligação, a construção dos instrumentos avaliativos que as intenções privatistas começam a fazer parte no interior das universidades federais.

[...] os artigos em periódicos tido como qualificados seriam a modalidade de publicação mais valorizada tanto pelas normas oficiais quanto pelo **reconhecimento intersubjetivo dos pares** (valor simbólico), o que indicaria traços da compreensão de produção e divulgação científicas vigente. (VILAÇA; PALMA, 2013, p. 468, grifo meu)<sup>21</sup>.

Os consentidos desejosos do *reconhecimento intersubjetivo entre os pares* e adaptados aos sistemas avaliativos, ao atingirem as metas dos programas de pós-graduação instituem uma divisão velada entre os que publicaram nos periódicos reconhecidos pelo *Quallis* como de maior divulgação entre os cientistas, motivando a competição para atender às próprias relações de trabalho –o executar, o fazer taylorista – como em qualquer outra instituição. Os que mais rápidos forem ganharão prêmios e terão suas fotos e nomes destacados no registro-ponto. Ser um docente produtivo, esse é o ponto crucial de avaliação dos órgãos de fomento nos seus processos seletivos. Da mesma forma que Walter Benjamin defende o capitalismo como religião, todos servindo ao Deus Mamom, sejam os operários, na busca do trabalho para pagar as suas dívidas como os detentores do capital, no exercício de acúmulo de capital e reinvestimento do mesmo (BENJAMIN, 2013)<sup>22</sup>.

A produtividade tornou-se a missão do docente universitário; o ensino, a extensão e a gestão se tornaram apenas agregados da pesquisa. Não é possível pensar a universidade na sua totalidade.

[...] a fascinação auxilia na transformação do indivíduo em um elemento de determinada massa acrítica. Assim, ele dificilmente vai poder ou desejar emancipar-se frente aos processos de dominação no contexto organizacional. Há mais do que identificação do indivíduo à cultura; percebe-se, em determinadas situações, a substituição do ideal de ego do indivíduo pelos desejos e projetos organizacionais. Perder o sendo crítico, colocar em risco a sua identidade e os seus sonhos são algumas das piores formas de violência a que o indivíduo pode se sujeitar no mundo do trabalho. (SIQUEIRA; MENDES, 2009, p. 245)<sup>23</sup>.

<sup>21</sup> VILAÇA, Murilo Mariano; PALMA, Alexandre. Diálogo sobre cientometria, mal-estar na academia e a polêmica do produtivismo. *Revista Brasileira de Educação*. v. 18, n. 53, abr-jun. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v18n53/13.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2015.

<sup>22</sup> BENJAMIN, Walter. *O capitalismo como religião*. Organização de Michael Löwy. Tradução de Nélío Scheneider e Renato Ribeiro Pompeu. São Paulo: Boitempo, 2013.

<sup>23</sup> SIQUEIRA, Marcus Vinicius Soares; MENDES, Ana magnólia. Gestão de pessoas no setor público e a reprodução do setor privado. *Revista do Serviço Social Publico*. Brasília, v. 60, n. 3, p. 241-250, jul/set. 2009.

Ao mesmo tempo em que as avaliações aplicadas fragilizam o tempo e a qualidade dos trabalhos acadêmicos, esses instrumentos avaliativos foram desenvolvidos por participantes – acadêmicos - diretos da universidade, e os outros (nós) não dizemos não, apenas encontramos formas de nos adaptar e continuar respondendo às regras instituídas pelos setores econômicos responsáveis pela escolha das instituições que são avaliadas e consideradas como centros de pesquisa e as outras – maioria – que deverão receber menor financiamento ou apenas trabalhar para a formação de profissionais, aptos para a participação direta no mercado capitalista (NÓVOA, 2015)<sup>24</sup>.

[...] presente nos editais dos órgãos (públicos) de fomento à produção científica, onde dois tipos merecem citação e análise. [...] há os editais ‘universais’ que se propõem a oferecer recursos para suprir os meios de produção acadêmicos (livros, laboratórios, computadores, equipamento, material de consumo, bolsas, etc). Obviamente que os recursos não são suficientes para todos, os pares devem competir por eles, **ganhando os mais produtivos**. [...] (MANCEBO, 2010, p. 82, grifo meu)<sup>25</sup>.

Os editais de fomento direcionados a temáticas específicas acabam fragilizando mais a qualidade das pesquisas à medida que os pesquisadores redirecionam seus estudos procurando adequar-se aos objetivos dos quesitos que são avaliados. Esta prática da adequação tanto provoca desgaste físico e mental como é um grande alimento para as agressões morais que alguns docentes ligados aos programas de pós-graduação cometem: o plágio. Já existe nos Estados Unidos projeto de recuperação do pesquisador que plagiou. Rego (2014), faz um levantamento importante referente a essa problemática.

[...] é preciso pensar, de modo sério e cuidadoso, sobre as consequências, para as revistas e para os avanços da própria ciência, das práticas que vêm sendo adotadas por muitos pesquisadores para satisfazer os critérios quantitativos utilizados pelos formuladores de políticas públicas para avaliar, promover e remunerar cientistas. [...] No Brasil e em várias partes do mundo, são crescentes os casos envolvendo más condutas em pesquisas científicas, tais como: manipulação, falsificação ou fabricação de dados ou de resultados, plágio, autoplágio (apresentação total ou parcial de textos já publicados pelo mesmo autor como se fossem inéditos), bem como a prática – bastante comum, diga-se de passagem – da coautoria de fachada. O programa de recuperação para pesquisadores que cometeram deslizes de conduta, mas que querem uma segunda chance, cobra, assim como uma clínica particular para

<sup>24</sup> NÓVOA, António. Em busca da liberdade nas universidades: para que serve a pesquisa em Educação? Revista Educação Pesquisa, São Paulo, v. 41, nº 1 p. 263 – 272, jan/mar 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v41n1/1517-9702-ep-41-1-0263.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

<sup>25</sup> MANCEBO, Deise. Ensinar no ensino superior brasileiro: a mercantilização das relações e heteronomia acadêmica. Rev. Port. de Educação. Braga/Portugal, v. 23, n. 2, de 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php>>. Acesso em: 01 ago. 2015.

o tratamento de pessoas com dependência química, um preço alto: cada temporada de três dias sai por US\$ 3 mil por cliente. (REGO, 2014, p. 338-9)<sup>26</sup>.

A questão não é pensar no tratamento para os pesquisadores que infringiram a ética da pesquisa e sim questionar a raiz do problema. Ou seja, o excesso de cobrança na quantidade de produtividade científica; a desconsideração das outras atividades que o profissional docente tem que cumprir; a ideologia de vestirmos a camisa de profissional da educação. Independente das condições físicas e estruturais, estabelecemos a meta de contribuir efetivamente na formação de ‘todos’ os discentes que confiam no nosso papel enquanto formadores; e a necessidade de retornarmos à sociedade de forma responsável o investimento aplicado em nosso espaço de trabalho - a universidade pública.

A raiz não é reconhecimento do plágio, do amontoado de palavras que são tecidas para a construção de um artigo científico, sejam elas um conjunto de mentiras experimentais ou palavras plagiadas de outros pesquisadores para publicação. À medida que o docente se submete ao ‘mundo de mentiras’, ele não deixa de ser mais um humilhado<sup>27</sup> tentando se ver de forma diferente – como se fosse possível. A discussão deve pairar sobre as condições em que se encontram muitos profissionais professores/pesquisadores/administradores/extensionistas do magistério superior.

Teresa começa relatando que trabalha, no mínimo, 60 horas semanais, o que inclui seus finais de semana e, em seguida, apresenta uma relação de todas as suas atividades: aulas na graduação e pós-graduação; orientações de mestrado, doutorado, iniciação científica e iniciação científica júnior (para estudantes do ensino médio); atividades de extensão e supervisão de estágios; participação em comissões da universidade e a produção bibliográfica. Diz que sempre trabalhou muito, mas que, agora, percebe que há ‘uma intensificação do trabalho’. (BERNARDO, 2014, p. 133)<sup>28</sup>.

Já a ‘legitimação’ das metas produtivistas da universidade parece se dar por meio de um discurso que tem como base o constrangimento do docente que, segundo Leonardo, é acusado de se manter em um lugar elitizado, supostamente distante e acima da sociedade. Tal discurso chama o professor universitário a assumir sua responsabilidade de ‘servidor público’, com a conseqüente ‘obrigação de dar um retorno imediato do seu trabalho à sociedade’ (Leonardo). Assim, pode-se dizer que o discurso legitimador,

---

<sup>26</sup> REGO, Tereza Cristina. Produtivismo, pesquisa e comunicação científica: entre o veneno e o remédio. Educação Pesquisa, São Paulo, v. 40, n. 2, abr/jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v40n2/v40n2a03.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2016.

<sup>27</sup> SEIXAS, Jacy Alves. Dissimulação, mentira e esquecimento: formas da humilhação na cultura política brasileira (reflexões sobre o brasileiro jecamacunaímico). In: MARSON, Izabel; NAXARA, Márcia (Org). Sobre a Humilhação: sentimentos, gestos, palavras. Uberlândia-MG: EDUFU, 2005.

<sup>28</sup> BERNARDO, M. H. Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes. Psicologia & Sociedade, Porto Alegre, 2014 Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/seerpsicoc/ojs2/index.php/seerpsicoc/article/view/3731>>. Acesso em: 27 set. 2016.

nesse caso, exerce um papel de constrangimento a partir de uma conotação moral. (BERNARDO, 2014, p. 135)<sup>29</sup>.

Essas personagens entrevistadas por Bernardo (2014), expressam o cotidiano de trabalho docente na academia e ao mesmo tempo as suas consequências físicas, psicológicas e sociais adquiridas no decorrer da vida acadêmica – em particular a partir da intensificação das formas de produção adotadas na gestão política social na universidade.

A narrativa dessa pesquisa não tem como objetivo ouvir diretamente o corpo docente – cada docente na sua particularidade – acadêmico, e sim ouvi-los através dos testemunhos registrados em cada periódico científico selecionado. Os artigos científicos vêm desvelando a não distinção entre os professores a partir do processo de intensificação do trabalho dos profissionais do Ensino Superior.

Leonardo, [...] refere ter sempre trabalhado mais do que as 40 horas previstas no seu contrato, mas que, agora, já faz parte de sua rotina trabalhar aos fins de semana, o que ocorria com pouca frequência até alguns anos atrás. O acréscimo de atividades se dá, sobretudo, por conta do atendimento a demandas de seus parceiros nacionais e internacionais, que acabam lhe solicitando atividades que não estavam incluídas no seu planejamento. Afirma que, para atendê-los, acaba, indiretamente, intensificando seu trabalho e, às vezes, tendo de se desviar do seu foco de pesquisa, o que, lamenta ele, vem ocorrendo mais frequentemente nos últimos anos. (BERNANDO, 2014, p. 134)<sup>30</sup>.

Os artigos podem até nomear os que consentiram, os resistentes e os que estão silenciosos – vivenciando de forma ‘indiferente’ seus próprios incômodos. A comparação de Deleuze & Guattari do jogo de Xadrez e o Go possibilita um olhar amplo da armadilha que envolve o corpo docente na instituição acadêmica.

[...] o xadrez codifica e descodifica o espaço, enquanto o Go procede de modo inteiramente diferente, territorializa-o e o desterritorializa (fazer do fora um território no espaço, consolidar esse território mediante a construção de um segundo território mediante a construção de um segundo território adjacente, desterritorializar o inimigo através da ruptura interna de seu território, desterritorializar-se a si mesmo renunciando, indo a outra parte). Uma outra justiça, um outro movimento, um outro espaço-tempo. (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 14)<sup>31</sup>.

---

<sup>29</sup> BERNARDO, M. H. Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, 2014 Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/seerpsicoc/ojs2/index.php/seerpsicoc/article/view/3731>>. Acesso em: 27 set. 2016.

<sup>30</sup> BERNARDO, M. H. Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, 2014 Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/seerpsicoc/ojs2/index.php/seerpsicoc/article/view/3731>>. Acesso em: 27 set. 2016.

<sup>31</sup> DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Peter Pál Pelbart, Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997. v. 5.

Deleuze & Guatari (1997) demonstra que Go é um jogo de cercar e a grande capacidade de criar estratégias em espaços ‘ilimitados’. Esse jogo pode representar os estratagemas, os dispositivos de poder que envolvem todo o espaço da universidade. Partindo das políticas externas – nacional, internacional – interna – administração superior, departamentos, grupos de pesquisas, etc. – como toda as formas ideológicas dos sujeitos enquanto um ser político.

**Ao serem indagadas sobre as possibilidades de resistência** e transformação, Marina e Teresa falam apenas da adoção de táticas individuais, que não têm nenhum objetivo além de possibilitar a ‘sobrevivência’ na instituição. Marina, por exemplo, diz que ainda busca conhecer ‘as regras do jogo’, que, segundo ela, não são explicitadas para ver onde vai ‘focar’, para não ‘pulverizar sua energia num monte de lugares’ e não fazer coisas ‘que nem contam nada pra sua avaliação’. Já Teresa aponta aspectos relacionados à mudança de comportamento fora do trabalho. Para ela, **‘resistência é na perspectiva individual’**. Você olhando realmente para o saudável, para a alimentação, tentando dormir um mínimo de horas [...]. (BERNARDO, 2014, p. 137, grifo meu)<sup>32</sup>.

As perspectivas de ‘poder e justiça’, tanto de forma interna como externa envolvem o profissional do magistério superior. Elas são construídas e desconstruídas por eles mesmos. A questão é que tipo de relação os profissionais desejam, pois fazer parte da criação das regras avaliativas e como se submeter a elas, torna a crise interior do docente que se exterioriza segundo o local e momento que cada um ocupa – uma constante sensação de esquizofrenia entre o espaço que ocupo no momento e aquele que eu poderia ocupar.

Destarte, antes de criar qualquer instrumento avaliativo, ‘eu’ sou um docente, e não o profissional que cria regras avaliativas para o próprio docente, cometendo a insocialização – o estar fora - do papel da carreira docente no momento em que estou pensando sobre as metas que o corpo docente deve atingir.

A fala de Teresa talvez seja a mais representativa com relação a esse aspecto. Segundo ela, **‘aumentaram as exigências para o profissional se manter na carreira’**: periodicamente, tem um relatório de atividades. ... então, você tem que prestar contas para a universidade. Nós, que somos regime de dedicação integral à docência e à pesquisa, se o relatório não for aprovado, dependendo do tipo de recomendação, podemos ter que passar para uma outra carreira, que diminui o salário e o tempo de trabalho [passando para tempo parcial]. Basicamente [essa avaliação] é vinculada às publicações e... um pouco, também, ao número de horas de [aula na] graduação que você dá. Então, tem

---

<sup>32</sup> BERNARDO, M. H. Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, 2014 Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs2/index.php/seerpsicsoc/article/view/3731>>. Acesso em: 27 set. 2016.

um controle mais rígido da universidade. (BERNARDO, 2014, p. 134, grifo meu)<sup>33</sup>.

(Paulo). Eu acho que tem alguma coisa errada com a gente. As pessoas estão adoecendo, sem nenhum diagnóstico de câncer prévio ... Poucos são sobreviventes. É claro, antes as pessoas morriam e você não sabia o que as estava matando. Mas eu tô achando que há uma relação hipotética entre essas condições de trabalho, que estão mais intensivas hoje. Você tem que ser mais produtivo, nessa linguagem da mercantilização da Universidade [...]. [...] **nós somos avaliados por indicadores de produtividade** e [relaciono isso] com a ocorrência desses adoecimentos. Isso pode não ser casual, pode ser idade, não ter nenhuma relação... Mas, por exemplo, a dificuldade de fazer aquilo que a gente considera como uma formação de qualidade, da gente não ter as condições pra realizar, diante dessa intensificação [...]. (BERNARDO, 2014, p. 135, grifo meu)<sup>34</sup>.

O docente pode abdicar da sua carreira – tem qualificação para isso, é diferente do operário sem qualificação formativa. Mas o fato de estar tão envolto nela, na relação de prazer de participar da formação do outro, e a dor de se sentir incapaz da concretização desse objetivo relacionado ao outro, e o reconhecimento coletivo de uma profissão que foi culturalmente idealizada como nobre impedem que ele o faça.

Mas, se a ‘toyotização’ da universidade pode provocar desgaste e adoecimento de modo similar ao que ocorre nas fábricas, existe uma diferença essencial: os trabalhadores industriais diziam se submeter por falta de opção de emprego que oferecesse o mesmo nível salarial, sendo que a maioria não gostava do seu trabalho na fábrica e apontava para a perspectiva de mudanças futuras (BERNARDO, 2009)<sup>35</sup>.

Os testemunhos de falas individuais de docentes coletadas por Bernardo (2014), demonstram significativamente contradições que podem ser ‘generalizadas’ na profissão de professor do magistério superior. ‘Esses estudos, em geral, evidenciam que a organização do trabalho universitário na atualidade se caracteriza, sobretudo, pela competição e produtividade exacerbadas.’ (BERNARDO, 2014, p. 130)<sup>36</sup>. A moeda - simbólica, que circula no espaço universitário não apresenta mais as duas faces, e sim

---

<sup>33</sup> BERNARDO, M. H. Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, 2014 Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs2/index.php/seerpsicsoc/article/view/3731>>. Acesso em: 27 set. 2016.

<sup>34</sup> BERNARDO, M. H. Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, 2014 Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs2/index.php/seerpsicsoc/article/view/3731>>. Acesso em: 27 set. 2016.

<sup>35</sup> BERNARDO, M. H. Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, 2014 Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs2/index.php/seerpsicsoc/article/view/3731>>. Acesso em: 27 set. 2016.

<sup>36</sup> BERNARDO, M. H. Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, 2014 Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs2/index.php/seerpsicsoc/article/view/3731>>. Acesso em: 27 set. 2016.

uma única. A intensificação do trabalho docente acadêmico a partir da implantação da política de ‘Estado Único’ não possibilita ao docente seguir naturalmente a sua carreira no magistério superior; apenas possibilita ao docente acreditar no que seguir. Mas o caminho é o mesmo indiretamente; – assumir o conhecimento como mercadoria.